



AEDR
Associação Espírita
Domingos Rímoli

ERMANCE DUFAUX



Ermance Dufaux

Ermance Dufaux De La Jonchère nasceu em 1841, na cidade de Fontainebleau, França. Próxima a Paris, abrigava a residência oficial de Napoleão III e de outros nobres.

O pai de Ermance, rico produtor de vinho e trigo, era um deles. Tradicional, a família Dufaux residia num castelo medieval, herança de seus antepassados.

Em 1853, a filha dos Dufaux começou a apresentar inquietante desequilíbrio nervoso e a fazer premonições. Por causa desse problema, seu pai procurou o célebre médico Cléver De Maldigny.

Pelo relato do Sr. Dufaux, o médico disse que Ermance parecia estar sofrendo de um novo distúrbio nervoso, que havia feito diversas vítimas na América e que, agora, estava chegando à Europa. As vítimas da doença entravam numa espécie de transe histérico e começavam a receber hipotéticas mensagens do Além.

O médico aconselhou o Sr. Dufaux a trazer Ermance a seu consultório, o mais rápido possível. Assim foi feito. Alguns dias depois, a mocinha comparecia à consulta.

Maldigny colocou um lápis na mão da menina e pediu que ela escrevesse o que lhe fosse impulsionado. Ermance começou a rir, gracejando, mas, de súbito, seu braço tomou vida própria e começou a escrever sozinho. Ao ver-se dominada por uma força estranha, Ermance assustou-se, largou o lápis e não quis continuar a experiência.

Maldigny examinou o papel e confirmou seu diagnóstico. Os pais de Ermance ficaram extremamente preocupados. Como a família era famosa na corte, a notícia logo se espalhou em Paris e Fontainebleau, chegando aos ouvidos do Marquês de Mirville, famoso estudioso do Magnetismo.

O Marquês visitou o castelo dos Dufaux e pediu para examinar Ermance. Os pais aquiesceram, mas a mocinha teve que ser convencida. Por fim, Ermance colocou-se em posição de escrever e Mirville perguntou ao invisível:

– Está presente o Espírito em que penso? Em caso positivo, queira escrever seu nome por intermédio da garota.

A mão de Ermance começou a se mover e escreveu:

- Não, mas um de seus parentes remotos.
- Pode escrever seu nome?
- Prefiro que meu nome venha diretamente à sua cabeça. Pense um instante.
- São Luís, rei de França (1), primo do primeiro nobre de minha família?

(1) Rei francês, filho de Luís VIII e Branca de Castela, nascido em 1215, coroado em 1226 e morto em 1270. Luís IX teve um reinado bastante conturbado. Até 1236 enfrentou a Revolta dos Vassallos e a Guerra dos Albigenses. Venceu duas batalhas contra os ingleses em 1242. Em 1249, organizou uma Cruzada, foi vencido e aprisionado. Resgatado, ficou na Palestina até 1252, quando voltou à França. Empreendeu mais uma Cruzada e morreu de peste ao desembarcar em Tunis. Foi canonizado pela Igreja em 1297.

- Sim, eu mesmo.
- Vossa Majestade pode dar-me um prova de que é realmente o nosso grande rei?
- Ninguém nesta casa sabe que você e seus parentes me consideram o Anjo da Guarda da família.

Se Maligny via o caso de Ermance como doença, o Marquês também tinha suas explicações preconcebidas. Na sua opinião, ela apenas captava as idéias e pensamentos presentes no ambiente. Isso na melhor das hipóteses. Na pior, a jovem estava sendo intérprete do Diabo, pois, como católico, ele não acreditava que os mortos pudessem se comunicar. Uma análise conclusiva deveria ser feita pela Academia de Ciências de Paris.

O Sr. Dufaux, no entanto, não levou o caso adiante. Embora também fosse católico, ele preferiu acreditar que sua filha não era doente ou possessa, mas apenas uma intermediária entre os vivos e os mortos. A família foi se acostumando com o fato e a faculdade de Ermance passou a ser vista como uma coisa natural e positiva.

Os contatos com São Luís passaram a ser frequentes. Sob seu influxo, ela escreveu a autobiografia póstuma do rei canonizado, intitulada “A história de Luís IX, ditada por ele mesmo”. Em 1854, esse texto foi publicado em livro, mas a Censura do Governo de Napoleão III proibiu a sua distribuição. Os censores acharam que algumas passagens podiam ser entendidas como críticas ao Imperador e à Igreja.

O posicionamento favorável dos Dufaux ao neo-espiritualismo (spiritualisme) gerou retaliações. Numa confissão, Ermance recusou-se a negar sua crença nos Espíritos, atribuindo suas mensagens a Satanás, e foi proibida de comungar. A Imperatriz também esfriou seu relacionamento com a família. No entanto, o Imperador Napoleão III ficou curioso e pediu para conhecer a Srta. Dufaux.

Ela foi recepcionada no Palácio de Fontainebleau e recebeu uma mensagem de Napoleão Bonaparte para o sobrinho. A mensagem respondia a uma pergunta mental de Luís Napoleão e seu estilo correspondia exatamente ao de Bonaparte.

Com o tempo, os Espíritos também começaram a falar por Ermance. Em 1855, com 14 anos, Ermance publica seu segundo livro “spiritualiste” (na época, não existiam os termos espírita, mediunidade, etc). O primeiro a ser distribuído e vendido: “A história de Joana D’Arc, ditada por ela mesma” (Editora Meluu, Paris)

Segundo Canuto Abreu, a família Dufaux conheceu Allan Kardec na noite do dia 18 de abril de 1857. O Codificador teria dado uma pequena recepção em seu apartamento e os Dufaux foram levados por Madame Planemaison, grande amiga do professor lionês.

No final da reunião, Ermance recebeu uma belíssima mensagem de São Luís, que, a partir dali, tornaria-se uma espécie de supervisor espiritual dos trabalhos do Mestre. Segundo o ex-rei, Ermance, assim como Kardec, era uma druidesa reencarnada. Os laços entre os dois se estreitaram e ela se tornou a principal médium das reuniões domésticas do Prof. Rivail.

No final de 1857, Kardec teve a idéia de publicar um periódico espírita e quis ouvir a opinião dos guias espirituais. Ermance foi a médium escolhida e, através dela, um Espírito deu várias e ótimas orientações ao Mestre de Lion. O órgão ganhou o nome de “Revista Espírita” e foi lançado em Janeiro do ano seguinte.

Como o apartamento de Allan Kardec ficou pequeno para o grande número de frequentadores da sua reunião, alguns dos participantes decidiram alugar um local maior.

Para isso, porém, precisavam de uma autorização legal. O Sr. Dufaux encarregou-se de obter o aval das autoridades, conseguindo em quinze dias o que, normalmente, levaria três meses. Conquistada a liberação, o Codificador e seus discípulos fundaram a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, em Abril de 1858. Ermance foi uma das sócias fundadoras.

Durante o ano de 1858, Ermance recebeu mais duas autobiografias mediúnicas. Desta vez, os autores foram os reis franceses Luís XI e Carlos VIII. O Codificador elogiou o trabalho da Srta. Dufaux (2) e transcreveu trechos das “Confissões de Luís XI” na Revista Espírita (3). Nesse mesmo ano, Kardec divulgou três mensagens psicografadas pela jovem sensitiva (4). Não temos notícia sobre a possível publicação das memórias de Carlos VIII.

(2) Página 30 do Volume 1858, EDICEL.

(3) Páginas 73, 148 e 175, ibidem.

(4) Páginas 137, 167 e 317, ibidem.

Canuto Abreu revelou que Rivail a utilizou como médium na revisão da 2ª edição de O Livro dos Espíritos.

Em 1859, Ermance não é mais citada como membro da SPEE nas páginas do mensário kardeciano. Isso leva-nos a crer que ela teria saído da Sociedade. Outro indício dessa suposição é que São Luís passou a se comunicar através de outros sensitivos (Sr. Rose, Sr. Collin, Sra. Costel e Srta. Huet). Não há, igualmente, registros da continuidade do seu trabalho em outros grupos.

O que teria acontecido com Ermance? Teria casado e deixado a militância, como Ruth Japhet e as meninas Baudin? Teria se desentendido com Kardec? Teria mudado da França? Teria desanimado com o Espiritismo? São perguntas que só ela poderia responder. Seja como for, o Codificador continuou a divulgar seu trabalho. Em 1860, ele noticiou a reedição de “A história de Joana D’Arc ditada por ela mesma”, pela Livraria Lendoyen de Paris.

Em 1861, enviou vários exemplares desse livro, junto com suas obras, para o editor francês Maurice Lachâtre, que se encontrava exilado em Barcelona, Espanha. O objetivo era a divulgação do Espiritismo em solo espanhol. Esses volumes acabaram confiscados e queimados em praça pública pela Igreja Católica no famoso Auto-de-fé de Barcelona.

“A história de Luís IX ditada por ele mesmo”, foi liberada pela Censura e finalmente publicada pela revista La Verité de Paris em 1864. No início de 1997, a editora brasileira Edições LFU traduziu “A história de Joana D’Arc” para o português.

Bibliografia

O Livro dos Espíritos e sua tradição histórica e lendária, Silvino Canuto Abreu, Edições LFU, São Paulo, 1992.

Obras Póstumas, Allan Kardec, FEB, Rio de Janeiro, 1993.

Coleção da Revista Espírita, Allan Kardec, Edicel, São Paulo.

Temas doutrinários:

MINHA RISONHA ERMANCE

Em 21 de abril de 1857, três dias depois do lançamento de O livro dos espíritos, Rivail e Amélie abriram seu apartamento para uma recepção. A sra. De Plainemaison pediu licença para levar os Dufaux ao jantar. Rico produtor de vinho e trigo — morador de um castelo medieval vizinho ao do imperador Napoleão III —, o sr. Dufaux era conhecido pela ligação com a corte e também pelas proezas de sua bela filha, Ermance, então com 16 anos.

Rivail ouvira falar de Ermance — a “médium historiadora” — e das agruras enfrentadas por sua família, muito católica. Desde os 12 anos, ela era acometida por crises de ausência e, em transe, transmitia mensagens atribuídas a mortos. Preocupado, o pai, ainda em 1853, recorreu a um amigo médico, Clever de Maldigny, estudioso dos “fluidos invisíveis”, e ouviu dele um diagnóstico alarmante. A doença se chamava mediunidade.

Era uma epidemia recente, vinda da América. Uma moléstia mental, altamente contagiosa, que fazia vítimas na Alemanha, na Inglaterra e, agora, na França. O mal atacava, principalmente, as moças sensitivas, mais sujeitas à “ação magnética”. Teria cura?

*

Quinze dias depois, Ermance sofreu mais uma crise nervosa e o pai a levou ao amigo médico, em Versalhes, sem revelar à lha a tal doença misteriosa. Após breve conversa, o doutor Maldigny pôs um lápis entre os dedos da paciente e a enfermeira Rosette pousou as mãos sobre a mão da menina, enquanto balbuciava uma oração encerrada de maneira inusitada:

– Em nome de Deus, venha a nós um espírito bom.

O sr. Dufaux teve de se controlar para não rir da situação insólita. Em seguida, Maldigny, como se estivesse à frente de uma sessão de hipnose, e não de uma consulta médica, instruiria:

– Escreva o que lhe vier à cabeça ou lhe for impulsionado. Nada tema. Escreva o que lhe vier à cabeça, ou ao pulso.

Ermance não conseguiu conter uma risada nervosa enquanto equilibrava o lápis no papel, mas engoliu o riso quando viu o objeto se mover à sua revelia, até escrever:

– Minha risonha Ermance.

Assustada, a menina largou o lápis e se recusou a continuar com a experiência. O médico não tinha dúvidas. Diagnóstico confirmado: mediunidade.

Uma semana depois, o sr. Dufaux recebeu a visita do marquês de Mirville, a quem revelou os sintomas da lha e o diagnóstico do médico. Estudioso do magnetismo e da ação maligna do demônio nos supostos fenômenos mediúnicos, o marquês entregou um lápis à jovem e pediu para ela se submeter a um novo teste.

Ermance relutou. Desde a consulta médica, vivia assustada. Tinha medo de segurar o lápis até mesmo para fazer as lições de casa, e só o fazia com alguém por perto. A insistência do visitante ilustre, porém, a convenceu. Católico fervoroso, o marquês tinha uma hipótese sobre a identidade de quem se comunicaria, caso se comunicasse.

Assim que a menina equilibrou o lápis sobre o papel, ele perguntou:

– Está presente o espírito em que penso? Em caso afirmativo, queira escrever seu nome por intermédio de Ermance.

Após segundos de tensão, a mão da menina se moveu.

– Não, mas um dos teus remotos parentes.

– Pode escrever seu nome?

O comunicante desconversou.

– Prefiro, para teu bem, que meu nome venha diretamente à sua cabeça. Pense um instante.

O marquês apostou alto, para provocar:

– São Luís, rei da França, primo do primeiro nobre de minha família?

Pelas mãos da adolescente, a confirmação:

– Sim, eu mesmo.

Com o perdão de sua majestade – o rei Luís IX, morto seis séculos antes e canonizado pelo papa em 1297 –, era preciso ainda uma evidência.

– Vossa Majestade pode dar-me uma prova de que é realmente nosso grande rei?

E o lápis sustentado por Ermance escreveu:

– Ninguém nesta casa sabe que tu e os teus considerais, em preces, que sou o anjo da guarda de tua família, não é fato?

Certo de estar lidando com o dissimulado satã, o marquês tentou ser tão cínico quanto ele:

– Impressionante. Exato.

Também desconfiado – e também católico –, o pai de Ermance pediu nova evidência:

– Pode Vossa Majestade, santo como é, ditar-me algo de edificante em moral, compatível com a glória religiosa de São Luís?

– Tentarei com prazer.

A menina de 12 anos não se intimidou diante do pai e pôs no papel, com velocidade e tranquilidade impressionantes, uma longa e rebuscada mensagem:

Sê tu, amigo, como um rio benfazejo que derrama por onde passa a fertilidade e a frescura, perdoa a teus inimigos como o Salvador que, quase ao expirar, orou por seus carrascos, dando assim aos homens seu derradeiro exemplo de bondade (...).

Ama teus inferiores na hierarquia social. Não imites os homens tiranos de seus irmãos, nem os que, por seu exemplo, transviam as almas humildes e obscuras que lhe cumpre guiar e proteger neste vale de provações para todos. (...)

O texto fazia também referências ao “anjo rebelado” e aos “abismos eternos”, bem de acordo com os dogmas católicos, antes de encerrar em clima fraternal: “Paz a ti e a teus! Particularmente a Ermance. Luís.”

Depois de ler e reler a mensagem, o marquês dividiu suas impressões com o preocupado anfitrião. Duas hipóteses: os dogmas católicos professados por ele e pelo sr. Dufaux teriam sido transmitidos, em processo telepático, à jovem sugestionada, em estado sonambúlico; a inata inteligência de Ermance e sua educação cristã teriam gerado o texto (com ou sem consciência da autora).

Mas essas eram as explicações educadas. O marquês de Mirville continuava convicto de que tudo não passava de obra de satã.

*

Uma obra que cresceria, capítulo por capítulo, pelas mãos miúdas de Ermance até gerar o livro intitulado Vida de Luís IX, escrita por ele mesmo. Uma autobiografia póstuma repleta de informações sobre os bastidores do poder real no século XIII, conhecido como o “século de ouro de São Luís”.

Ao ler os capítulos escritos a jato pela lha, o pai venceria as desconfianças iniciais. Pela linguagem re nada e pelos detalhes históricos, aquele só podia ser mesmo o admirável rei santificado. A convicção do sr. Dufaux foi tanta que decidiu publicar o livro em 1854. Uma decisão que abalou as suas até então cordiais relações com a corte.

A Comissão de Imprensa identificou críticas veladas ao imperador Napoleão III em determinados trechos da obra e considerou o livro, atribuído a um santo morto, uma afronta à Santa Sé. O texto teve a circulação proibida e Ermance foi convocada a confessar seus pecados e a atribuir os escritos a satanás.

Ao se recusar a renegar a fé nos espíritos, a menina passou a ser vista como uma herege pela própria imperatriz e teve cassados os direitos a sacramentos básicos como a confissão e a comunhão.

Tanta censura e perseguição preocupavam Kardec. O livro dos espíritos corria riscos em Império tão católico. Mas ele ficou mais tranquilo ao ouvir do sr. Dufaux, durante o jantar, novas revelações sobre o caso. Parte da corte se afastara, sim, de sua família, mas, para surpresa do próprio Dufaux, Napoleão III demonstrara mais compreensão... e curiosidade.

O imperador fez questão de abrir as portas de seu castelo à senhorita Dufaux. Recepcionada no Palácio de Fontainebleau, a menina, lápis à mão, enfrentou um novo desafio diante de sua majestade e de uma comissão de nobres: responder a uma pergunta mental feita pelo anfitrião.

Segundo o pai orgulhoso, a resposta — assinada por Napoleão Bonaparte, ti de Napoleão III, e mantida em sigilo — convenceu o imperador, pelo estilo pela profundidade, e também pelo fato de que ninguém na sala sabia a pergunta.

Nove meses depois, Ermance publicaria seu segundo livro: A história de Joana D’Arc, ditada por ela mesma.

O livro começava com uma mensagem da santa acusada de feitiçaria e queimada viva, aos 19 anos, nas fogueiras da Inquisição no século XV. Era um alerta a médiuns como Ermance, que atraíam cada vez mais admiradores:

Deus encarregou-me de cumprir uma missão junto aos crentes que favoreceu com o mediunato. Quanto mais recebem graças do Altíssimo, mais correm perigos, e esses perigos são bem maiores porque têm origem nos próprios favores que Deus lhes concede.

As faculdades das quais desfrutam os médiuns lhes atraem os elogios dos homens; as felicitações, as adulações; eis a pedra de tropeço.

Esses mesmos médiuns que deveriam sempre ter presente na memória sua incapacidade primitiva a esquecem; eles fazem mais: o que devem a Deus atribuem a seu próprio mérito. O que acontece então? Os bons espíritos os abandonam...

O obra, desta vez, foi liberada sem cortes pelo imperador.

Quatro anos depois, em 1861, a exemplo do que ocorrera a Joana D’Arc, exemplares do livro queimariam numa fogueira alimentada pela Igreja Católica, junto com volumes de O livro

dos espíritos e de outras “obras heréticas”, no episódio conhecido como auto de fé de Barcelona.

Kardec sabia: precisava caminhar com cuidado nesse território onde espíritos eram esconjurados como demônios por líderes da Santa Sé. A presença de Ermance e o apoio de seu pai, tão bem-relacionado, dariam mais segurança ao velho professor, convocado ao combate pelo Espírito da Verdade.

Três dias depois daquele jantar com os Dufaux, Kardec foi apresentado a Ermance e testemunhou, ao vivo, o que já tinha lido e ouvido antes. A beleza da jovem o impressionou tanto quanto a velocidade de suas mãos enquanto botava no papel uma mensagem assinada por “Luís” e endereçada ao “distinto Allan Kardec”. Um texto curto com duas recomendações sucintas: “coragem e cautela na nova missão”.

Kardec ainda não sabia, mas ele e “Luís” estariam lado a lado em um novo projeto.

Fontes: Kardec – A Biografia – Marcel Souto Maior

Texto retirado do site:

<https://ermance.com.br/ermance-dufaux/>